

“EU SOU O REI DA INGLATERRA. NÃO SENHOR, VOCÊ É O PACIENTE”: considerações foucaultianas acerca do filme “As loucuras do Rei George”

Juliana Pontes¹, Mardejane Costa², Luiza Freitas³

SUMÁRIO: 1 Introdução. 2 Crivo de inteligibilidade para análise do texto. 3 O poder psiquiátrico: do poder soberano ao disciplinar 4 Considerações Finais. 5 Referências.

Resumo: O presente artigo visa proporcionar a articulação das pesquisas foucaultianas sobre a loucura, sociedade e poder psiquiátrico com as questões presentes no filme *As loucuras do Rei George* (1994). Dessa forma, na análise teórica serão discutidas as temáticas da constante exclusão da loucura, bem como a concepção de loucura que no início do século XIX não se encontra mais no eixo “verdade-erro-consciência”, mas no eixo “paixão-vontade-liberdade”. Essa temática será observada a partir da figura de Rei George, que exerce o poder soberano e ao ser acometido pela loucura, terá este substituído pelo poder disciplinar do médico que o torna dócil e submisso. Esta figura do grande médico tido como aquele traz à tona a verdade sobre a loucura, a partir do saber que detém esta, proporciona uma relação de domesticação com o paciente, com o objetivo de reprimir as paixões e vontades pervertidas. No século XIX, esse processo tem viés de cura, é uma terapêutica, assim observa-se através deste as inflexões do poder psiquiátrico na produção de um corpo dócil e submisso. Finalmente, à guisa de conclusão, constatou-se a partir da análise do filme, as práticas de dominação da loucura pela razão no século XIX, percebidas a partir da figura do rei, tendo o médico como a figura que sabe sobre o seu sofrimento e o mantém como um corpo dócil e submisso, sendo a cena de enfrentamento o que constitui o poder psiquiátrico.

Palavras-chave: Loucura. Poder psiquiátrico. Antipsiquiatria.

¹ Graduanda em Psicologia. UNIFOR – Universidade de Fortaleza, Fortaleza – CE. <julianadamasceno@live.com>

² Graduanda em Psicologia. UNIFOR – Universidade de Fortaleza, Fortaleza – CE. <mardejane@outlook.com >

³ Mestre em Psicologia. UNIFOR – Universidade de Fortaleza, Fortaleza – CE. <luizafreitas@unifor.br>

1 Introdução

O presente artigo visa proporcionar a articulação das pesquisas foucaultianas sobre a loucura, sociedade e poder psiquiátrico com as questões presentes no filme *As loucuras do Rei George* (1994).

O filme retrata a história de um Rei que é acometido por um mal súbito que o faz perder a sanidade, este apresenta delírios, verborragia e assedia sexualmente as damas da corte ao seu redor. Para controlar os estranhos humores do rei, chamam um médico que se qualifica com um tratamento dirigido a estas aflições relacionadas a loucura. Dessa forma, o médico controla o rei, utilizando mordaças, toda vez que este se comportava de forma inadequada, em meio a isso, o filho mais velho do rei conspira para se tornar príncipe regente.

A partir da articulação dos estudos realizados na disciplina de Psicopatologia Sociedade e Cultura com o filme proposto, em conjunto com os textos de Foucault e as análises feitas em sala, se abordará as perguntas sobre os seguintes temas: loucura e sociedade, o papel do hospício no internamento do louco, o poder psiquiátrico e a antipsiquiatria.

Para tanto, nos empenhamos em discutir teoricamente os temas destacados anteriormente, dividindo-os por tópicos com o propósito de propiciar uma melhor discriminação das ideias e interdependência das temáticas, sendo nomeados como: introdução, crivo de inteligibilidade para a análise do filme, o poder psiquiátrico: do poder soberano ao disciplinar, considerações finais e referências.

2 Crivo de inteligibilidade para a análise do filme

Foucault (2006) aborda a temática da constante exclusão da loucura e constata que dos primórdios à contemporaneidade esta foi, “em todos os tempos, excluída” (FOUCAULT, 2006, p. 259). Para tal, o autor examina o status do louco das sociedades primitivas, até as sociedades industriais, para assim, analisar, a mutação da loucura que se operou no século XIX, e demonstrar que a posição em que se encontra o louco não teve alteração.

Dessa forma, Foucault (2006) convida o leitor a refletir acerca das atividades humanas, estas são divididas em quatro vertentes: trabalho ou produção econômica, sexualidade, família (reprodução), linguagem (fala), atividades lúdicas (jogos e festas).

O autor (2006) propõe que no seio da sociedade sempre haverá figuras que de certo modo sofrem exclusão em algum desses âmbitos, um exemplo, seria o padre que não pode reproduzir e, portanto, não constitui família. O louco, no entanto, é excluído em todos esses âmbitos. Nas sociedades modernas, os loucos permanecem a parte destes quatro âmbitos de produção humana, e são atribuídos um caráter marginal.

No filme *As loucuras do Rei George* (1994) percebe-se o olhar da sociedade do século XVIII perante o estado de loucura do Rei, sendo excluído do convívio entre as pessoas por um complô de seu filho e aliados, que eram constantemente inflamados pela população que temiam um rei louco, que não estivesse apto a governar.

Assim, Foucault (2006) propõe que o primeiro critério para determinar a loucura em um indivíduo consiste em demonstrar que é um homem inapto para o trabalho que exerce. Freud relatou que o louco era uma pessoa que não podia nem amar ou trabalhar. Ao se relacionar com o filme percebe-se que retiraram do rei, em primeira instância, o poder de governar, o incapacitando de forma a não poder exercer a sua função, o segundo, foi o de amar, que significava estar afastado de sua esposa com quem viveu por quase trinta décadas sem se afastar um único dia até então.

Portanto, nas sociedades ocidentais, em especial, no velho mundo, o que se poderia chamar status universal foi concedido ao louco. Apesar de a diferença residir em o direito de internar o doente do século XVII ao século XIX pertencer a família. Ou seja, em princípio a família excluía o louco, a partir do século XIX essa prerrogativa é dada ao médico, para o internamento do louco se era exigido o atestado médico.

Dessa forma, pode-se considerar o processo de dominação da loucura pela razão, abordado por Foucault (2014), na *História da Loucura na Idade Clássica*, onde percebe-se as práticas em relação à loucura até que esta seja concebida como doença mental. No século XVI, período do Renascimento, o louco vivia solto, era um errante, e duas concepções da loucura eram vigentes na época: experiência trágica e consciência crítica. Na primeira, a loucura é considerada saber trágico, fechado, exotérico, de difícil acesso. A segunda, consiste em uma visão formada a partir das

discussões filosóficas da época, aonde a loucura era percebida como ignorância, punição, desmoralização do saber.

Posteriormente, no século XVII e XVIII, no período do Classicismo, a grande proposta filosófica feita por Descartes, que institui a máxima “Penso logo, existo”, esta determina o momento em que a loucura é retirada do âmbito da razão, já que se alguém não pensa, não pode ser louco. A loucura é percebida nesse período como impossibilidade do pensamento e o louco como desarrazoado.

É interessante ressaltar que nesse período também ocorria um fenômeno considerado por Foucault (2006) como marco institucional no século XVII, o Grande Enclausuramento, durante esse período, diversas pessoas foram retiradas das cidades e institucionalizadas, esse fenômeno ocorreu por toda a Europa, estas pessoas de certa forma transgrediam a moral da época, eram enfermos, homossexuais, prostitutas, entre os enclausurados, o louco também se encontrava. Essas unidades de internamento não possuem caráter terapêutico, eram instituições semi-jurídicas, entidades que situavam entre polícia e justiça, e seriam como a “ordem terceira da repressão” (MACHADO, 2007, p. 58). As condições de possibilidade para que tal ocorresse, também eram econômicas, já que em uma sociedade mercantilista, a falta do trabalho era percebida não como a falta de desemprego ou a escassez de mercadorias, mas como a falta de disciplina e maus costumes.

Posteriormente, com mudanças econômicas e sociais e o advento do capitalismo, Pinel, médico, considerado o “pai” da psiquiatria, “liberta” os grilhões da loucura, segundo historiados do século XVIII, porém os indivíduos que saíram pelos portões do hospício não foram os loucos estes, continuavam enclausurados, os que saíram foram os enfermos, homossexuais e prostitutas, que seriam potenciais trabalhadores em uma sociedade capitalista. Assim, o que foi até então um estabelecimento de internação, tornou-se um hospital psiquiátrico, a fim de internar os que não tinham capacidade de trabalhar por razões não físicas. Desde então, os distúrbios mentais se tornaram objeto da medicina, e uma categoria social chamada psiquiatria nasceu.

Logo, pode-se inferir que, anteriormente ao século XVIII, a loucura era percebida como uma forma de erro ou ilusão. No início do século XIX, no período que se estabeleceu a prática do internamento, essa concepção de loucura passa a ser

menos em relação ao erro, e mais como uma perturbação na maneira de agir, de querer, de ter paixões, de tomar decisões e de ser livre. Foucault (1997) propõe que a concepção de loucura não se encontra mais no eixo “verdade-erro-consciência”, mas no eixo “paixão-vontade-liberdade”. Ou seja, a falta do erro (ou do delírio em relação ao alienado) não significa que o doente esteja dentro o processo de cura, se este ainda se encontra alienado por paixões e desvios morais, desordenados e pervertidos.

Machado (2007) propõe que Foucault estabelece como um ponto central dessa elaboração teórica a relação entre a loucura, o mundo e a natureza. Portanto, o mundo, seria pensado como causa da loucura, um fator considerado de maneira independente como uma realidade global. Este será definido pelo conjunto de “forças penetrantes” que seriam a causa da loucura, estas são: sociedade, religião e a civilização. O relevante acerca da noção de mundo, é que o tematizando a partir da noção de forças penetrantes, é sua oposição a natureza, assim, o mundo “é o meio social que afastado o homem da natureza, torna possível a loucura” (MACHADO, 2007, p.65). Logo, a loucura não mais ausência de razão, é a perda da natureza própria do homem, modificando a sensibilidade, os desejos, a imaginação.

Conseqüentemente, constata-se essa mudança de eixo, aonde na Era Clássica, o louco era desarrazoado, retirado da ordem da razão, é feita da loucura “delírio ou paixão, erro ou desordem, é produzi-la como não razão” (MACHADO, 2007, p. 64). Na modernidade, segunda metade do século XVIII em diante, a loucura não é fundamentalmente erro, como na Era clássica, é produto da relação do homem com o mundo que o afasta, o homem na loucura, ele não perde a verdade, mas a sua verdade. O louco se torna alienado de si mesmo, já que o fenômeno da loucura se passa no interior do sujeito, a loucura se interioriza, se psicologiza, torna-se antropológica (MACHADO, 2007, p. 66).

Percebe-se os pontos supracitados em Rei George, que além de seus delírios, este é acometido por rompantes aonde possui uma conduta irregular, fala livre de censura perante toda a corte, tenta bater no filho quando pensa que este quer tomar o seu lugar e corre de um lado para o outro com seus lacaios sem aparente motivo. Também se comporta de maneira sexualmente inadequada, assediando as mulheres da corte, tendo assim desejos desordenados e pervertidos prementes. O rei só é

considerado sadio quando aprende a forma correta de se comportar. A cena que explicita que o Rei se encontra “curado” ocorre ao final do filme quando ele posa ao lado da rainha e dos filhos e acena para a população. Já que o alienado ingressa no processo de “cura” quando este retoma as suas afecções morais, como a vontade de encontrar amigos, bem como o desejo de retornar ao seio da família.

Foucault (1997) continua ao relatar a função do hospício incluso nessa mudança de eixo que se inscreve a loucura, que neste século é caracterizada como retorno às formas de condutas regulares. Dessa forma, esta seria a função dos hospitais no século XVIII: permitir se descobrir a verdade sobre a doença mental, afastar do doente aquilo que pode mascará-la, e além dessa função de desmascaramento, o hospital se torna um lugar de afrontamento: onde a loucura, como sendo paixão pervertida, vontade perturbada, passa a encontrar no hospital paixões retas e ortodoxas. Esse processo só se torna possível, devido à loucura ser interiorizada, e a partir da relação do homem com o mundo, a perda da sua natureza, se constitui como alienação, e não mais desrazão.

Em meio aos humores do asilo, encontra-se a figura do grande médico tido como aquele que possui a verdade sobre a doença, a partir do poder que detém sobre ela, sendo a relação entre médico e doente, uma de poder e submissão, domesticidade, e por muitas vezes servidão da parte do enfermo, isto tinha por função consagrar o médico “mestre da loucura”, aquele que a faz aparecer, é o médico que a apazigua, a domina, depois de tê-la silenciosamente desencadeado.

Em *As loucuras do Rei George* (1994), a figura do médico é central, e durante o tratamento do Rei George, este o põe em todos os momentos em uma forma de submissão, tortura e maus tratos até que ele fique adestrado e se comporte da forma esperada, para tal é retirado do convívio de seus familiares e é posto em confinamento em uma residência de verão, exilado de seus filhos e esposa. É interessante ressaltar a diferença no tratamento dos outros médicos que tratam doenças comuns, do médico psiquiatra que é um ex-padre, a sua conduta parece ser melhor aceita, do que a dos outros médicos. Dessa forma, percebe-se, como o poder soberano, representado pelo rei, perdeu seu lugar para o poder disciplinar.

De acordo com Foucault (1997), o saber psiquiátrico surge a partir do jogo de forças da razão sobre a loucura, a psiquiatria nasce a partir da prática do asilo, e

constituiu-se a partir de um campo de forças entre o saber e poder a partir de uma reclusão que visa a cura, é uma terapêutica. Esse jogo de poder que demonstra um elemento fundante, a figura do médico e doente em uma relação de vassalagem, que caracteriza a psiquiatria clássica.

No filme, Rei George é destituído de seu poder soberano em prol do poder disciplinar do médico, que agora possui o poder de trazer à tona a verdade sobre a loucura, e dita o que este deve fazer para se tornar dócil e submisso, que é encenado principalmente pelas mordidas que são postas no Rei quando este apresenta um comportamento que desvia ao padrão.

Ou seja, o médico possui o saber sobre o sofrimento e singularidades em detrimento do saber que o sujeito venha a ter sobre a verdade de sua própria doença, os médicos intervêm e analisam um doente no qual a loucura faz com que seja diferente dos outros: o doente mental.

Em contraposição ao poder psiquiátrico, aparecem as grandes reformas, não somente da prática psiquiátrica, mas também do pensamento psiquiátrico, onde tenta-se constantemente mascarar, deslocar e anular este poder. Ou seja, o espaço da psiquiatria moderna é atravessado por antipsiquiatrias, se entende por este termo tudo o que coloca em questão o papel do psiquiatra encarregado, antes, de trazer à tona a verdade da loucura, através do processo de domesticação das aflições e repressão das paixões. Assim, a desmedicalização da loucura é correlativa desse questionamento primordial do poder na prática antipsiquiátrica (FOUCAULT, 1997).

3 O poder psiquiátrico: do poder soberano ao disciplinar

No que se refere a retomada da *História da Loucura* por Foucault no curso *O Poder Psiquiátrico*, é preciso entender que não se trata de uma crítica a asilo como espaço indigno, tem como propósito “retomar as coisas, só que com certo número de diferenças” (FOUCAULT, 2006, p.16). Possibilitando dessa forma uma crítica a função do poder psiquiátrico e sua relação com o asilo, essa é a retomada com suas diferenças.

A partir das pesquisas de Foucault (2014), percebeu-se que o internamento nem sempre foi médico, existia uma estrutura jurídica, uma percepção social do louco,

sendo a família, religião e outras instituições que definiam quem seriam internados, sendo o louco classificados como desarrazoado, transgressores da ordem moral e sem valor social. Nesse período não era exigido que um médico atestasse o estado de loucura para que o indivíduo fosse internado. Desse modo, o asilo não era considerado um espaço médico no Grande Enclausuramento. Tornando-se um instrumento terapêutico quando todos os desarrazoados são retirados do Grande Enclausuramento e quando a loucura passa a ser percebida como alienação.

Desta forma, quando o alienado se afastava das forças que o penetram e do mundo, se isolando de tudo, ele possivelmente poderia se encontrar com sua própria verdade. Considerando esse contexto, o asilo nesse momento é considerado uma inauguração de um instrumento terapêutico para a loucura, sendo agora vista como uma alienação, que separa o indivíduo de sua própria verdade. A psiquiatria passa a atuar nesse espaço na esfera do poder, da lei, da soberania. A partir do processo de interiorização da loucura, o alienado se torna objeto de estudo da apropriação da psiquiatria, conseqüentemente, a loucura se torna a partir dessas condições de possibilidade, doença mental.

A relação do asilo com o poder psiquiátrico parte de uma cena, “[...] a operação terapêutica que se formula desde esses anos de 1910 – 1930 é uma cena, e uma cena de enfrentamento” (FOUCAULT, 2006, p.12). A forma como essa operação terapêutica é aplicada e o que constitui essa cena, é a base dessa relação de poder. A punição faz parte do tratamento, no entanto, quem executa é o vigilante, pois o médico é o soberano. A cena é carregada de força, contenção, ordem, fúria e intenção central é fazer uma quebra das forças descontroladas do alienado de uma maneira violenta e ardilosa.

De acordo com Foucault (2006), essa cena de enfrentamento é complexa: em primeiro lugar, a operação terapêutica não passa por um trabalho primeiro de escuta, um diagnóstico na qual o médico poderia guiar essa prática para o seu efeito. Em segundo lugar esse processo é um duelo de forças, de um lado o médico e/ou o vigilante que o representa, do outro do doente. Em terceiro lugar esse duelo de forças tem primeiramente o efeito de produzir uma segunda força, dessa vez dentro, na qual o sujeito se depara com a ideia fixa pertinente da doença e o medo da punição.

A cena é considerada bem-sucedida quando uma força combate à outra, uma ideia se sobrepõe a outra e sobretudo a vontade do médico acima do doente. Em quarto lugar, um momento importante dessa cena, é o quando a verdade se manifesta, ocasião em que o doente se reconhece nessa verdade, mas por meio de tudo o que veio antes a proporcionar esse momento.

O último ponto da cena, acontece quando essa verdade é adquirida, mas não apenas, é preciso que haja uma confissão “[...] por intermédio da confissão e por intermédio de um saber médico reconstituído, é no momento efetivo da confissão que se efetua, consuma e sela o processo da cura” (FOUCAULT, 2006, p.15). É preciso uma confissão, atrelada ao saber médico para se produzir uma cura. O asilo sustenta esse poder psiquiátrico na medida em que proporciona condições da cena acontecer. É preciso salientar que não basta a confissão, o saber médico e a cura, mas do que isso, é preciso produzir um corpo dócil e submisso.

No filme, Rei George passa por um processo de domesticação de suas aflições, é possível identificar esse processo de cura quando o mesmo de forma voluntária, percebe que não está de forma adequada portado na cadeira e se adequa ao modo aceito pela sociedade. No momento em que o médico lhe disse que dali em diante não seria mais o soberano, o médico exercia uma posição de poder típica da psiquiatria em relação ao doente. Então, nessa relação de prática que se efetua, há uma soberania do médico na relação com o rei assujeitado. O médico é o soberano, e o poder exercido por este, se sustenta pela capacidade da cura. Essa cena em seu processo de domesticação, é ao mesmo tempo, a que reproduz o poder do médico.

Há nesse processo uma espécie ortopedia mental se constitui em enfrentamento e submissão do doente através da força física, da intimidação e ameaça. Sendo o foco, a confissão da verdade alienada de si, assim, o mestre da loucura produz a cena em que o indivíduo doente encontre sua verdade para confessá-la e curar-se. Foucault (2006) convida a pensar de uma maneira antiinstitucionalista, propondo uma visão que se posiciona antes da instituição. “Sejamos bastante antiinstitucionalistas. O que me proponho [...] é mostrar a microfísica do poder, antes mesmo da análise da instituição” (FOUCAULT, 2006, p. 41). Analisando as técnicas de poder menores, entendendo que essas antecedem as práticas institucionais de grande escala. Pensar

o deslocamento da base metodológica que as instituições estão cristalizadas, a uma microfísica do poder.

4 Considerações Finais

Finalmente, pode-se inferir a partir dos estudos de Foucault (2006) que o louco foi das sociedades primitivas a modernidade, excluído. No filme *As loucuras do Rei George* (1994) percebe-se o olhar excludente da sociedade do século XVIII perante o estado de loucura do Rei, sendo rechaçado do convívio entre as pessoas por um complô de seu filho e seus aliados, que eram constantemente inflamados pela população que temiam um rei louco, que não estivesse apto a governar.

Em um paralelo aos dias de hoje, nota-se que as práticas não mudaram, apenas se deslocaram e encobriram-se de uma maneira latente que com um olhar sem criticidade, podem passar despercebidas as barreiras sociais invisíveis que ainda produzem exclusão. É observado um nexos sobre a percepção da loucura nos dias atuais que se constitui através de condições políticas, sociais e econômicas que se estabeleceram ao longo da história.

Anteriormente ao século XVIII, a loucura era percebida como uma forma de erro ou ilusão. No início do século XIX, no período que se estabeleceu a prática do internamento, essa concepção de loucura passa a ser menos em relação ao erro, e mais como “uma perturbação na maneira de agir, de querer, de ter paixões, de tomar decisões e de ser livre” (FOUCAULT, 2006, p.48).

No filme *As Loucuras do Rei George* é marcante a produção de verdade em relação à loucura como enredo principal. É notório a tentativa de domar o sujeito em suas paixões e maneira livre de agir, no esforço de reprimi-lo na esfera da subjetividade. O médico como figura de poder e saber se encontra no nível intangível de possuidor da verdade sobre a doença. De acordo com Foucault (2006), o médico de hospício é aquele que diz a verdade da doença pelo saber que detém sobre ela, bem como “aquele que pode produzir a doença na sua verdade e submetê-la na realidade, pelo poder que exerce sobre o próprio doente” (FOUCAULT, 2006, p.49).

Sendo a relação entre médico e doente, expostas em *As loucuras do Rei George* um nexos de poder e submissão, acompanhada de domesticidade, e por muitas vezes servidão da parte do enfermo, transformando-o em um corpo dócil e submisso. Logo,

a cena de enfrentamento, que tem como enfoque a confissão da verdade da loucura, o que constitui esse poder psiquiátrico.

5 Referências

- AS LOUCURAS do rei george. Direção de Nicholas Hytner. Reino Unido: 1994. (105min.)
- FOUCAULT, Michel. A Loucura e a Sociedade. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.259-267. 2006.
- _____. **O Poder Psiquiátrico**. São Paulo, Martins Fontes. 2006.
- _____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **História da Loucura**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2014.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.